

Gervásio Luz

Fax: (47) 3221-1505

Alexander, o Grande (1)

Li na coluna Almanaque do Vale (Santa, 17 de março) um registro sobre Alexander Lenard. Sérgio Antonello, o editor, comunica que o Museu de Literatura Petofi, em Budapeste, lembrou o centenário do escritor húngaro Alexander Lenard (1910-1972) que viveu a última parte da vida no Brasil.

Semana antes, Andrietta Lenard, companheira do intelectual durante uma vida inteira, telefonou-me de São Paulo, onde reside com seu filho Sebastian (nome dado em homenagem a Bach, ídolo maior de Alexander).

Prometeu-me mandar farto material sobre o falecido. E mandou. O que mais me intrigou (e deixou-me feliz) foi um xerox com uma matéria minha de 38 anos atrás. Ocupou a capa inteira do jornal O Brasão, órgão do Colégio Normal Pedro II, onde ela lecionou francês por décadas. Título: Lenard: Cidadão do Mundo e de Dona Emma. A nota de redação esclarecia: Elaborado pelo Diretor da Sucursal de Blumenau, professor Gervásio Luz, este necrológio foi transcrito do jornal O Estado, de Florianópolis.

Não resisto e levo aos leitores o teor da reportagem (correndo o risco de ser criticado pelos períodos longos e adjetivação exagerada):

"Dona Emma, quatro mil habitantes, plantada num vale, permanentemente sombreado por imponentes árvores copadas, garantiu seu direito de ingressar nos mapas cartográficos em junho de 1956, quando um fazendeiro do lugar, de longos bigodes e aspecto singularmente excêntrico, tido pelos vizinhos como homem de costumes secretos e até misteriosos, ganhou as manchetes do Rio e São Paulo, depois de inequívocas demonstrações de uma inesgotável cultura musical. Ele respondeu sobre a vida e obra de Johann Sebastian Bach no programa O Céu é o Limite, o maior íbopo da época.

Alexander Lenard, o fazendeiro, era antes de tudo um tímido, e uma figura humana despida de qualquer vaidade, para ele um sentimento subalterno. Até a sua morte, na última quinta-feira, viveu em contato com a natureza, isolado voluntariamente no seu paraíso particular, ao lado da mulher, convivendo com suas pesquisas irrompidas ao sabor de seu gênio superior.

Quando morreu, apenas alguns de seus vizinhos e as poucas pessoas que tiveram o privilégio de conhecer Lenard na intimidade conduziram-no ao repouso eterno, entre as sombras de árvores queridas. Até na morte foi humilde e discreto. Um dos traços mais característicos da sua personalidade era uma alentada aversão ao exibicionismo."

O jornalista, escritor e professor Gervásio Tessaleno Luz escreve neste espaço às terças-feiras

Alexander Lenard, o fazendeiro, era antes de tudo um tímido, e uma figura humana despida de qualquer vaidade. Até a sua morte, viveu em contato com a natureza, isolado voluntariamente no seu paraíso particular

Gervásio Luz

Fax: (47) 3221-1505

Alexander, o Grande (2)

Alexander Lenard possuía uma cultura ciclópica: musicólogo e poliglota, o fazendeiro de Dona Emma era na verdade um cidadão do mundo. Involuntariamente, acabou best-seller mundial, editando em 1958 a versão latina de um clássico infantil: O Ursinho Winnie.

Na verdade, para Lenard, o mundo estava perdido. Como Ernest Hemingway, tinha adoração pela natureza e amava a paisagem bucólica do seu vale. Andrietta Lenard, sua esposa, acompanhou-o sempre com o mesmo desvelo e amor que a valorosa Mary dedicara ao "papa" Hemingway.

Como poeta, ganhou elogios de Thomas Mann e Hermann Hesse por seus poemas Andrietta e Entre os Espectros e as Utopias. Como médico, modificou antigas verdades da medicina

Sua história brasileira começa em 1952, quando desembarcou no Rio de Janeiro, a bordo de um cargueiro. A guerra - uma experiência que o apavorava e da qual participara como guerrilheiro da Resistência italiana - era um espectro ainda vivo na sua epopeia de retirante. Médico, formado por uma das maiores universidades da Europa, a de Viena; poeta, elogiado por Thomas Mann e Hermann Hesse; musicólogo, com notáveis e profundos conhecimentos sobre a vida e a obra de Bach, o escritor acreditava na ressurreição do latim, língua que dominava, além do húngaro, inglês, francês,

dinamarquês sueco e alemão. Mas foi falando português que chegou a Dona Emma, a 120 quilômetros de Blumenau, com a mulher e o filho Sebastian, homônimo do gênio musical que idolatrava.

Era também uma personalidade arredia, esquivando-se, sempre que possível, de falar das múltiplas atividades. Tinha verdadeira fobia do barulho e do superpovoamento dos grandes centros.

O poliglota chegou a corrigir inúmeras palavras de um dicionário latino, elaborado pelo Monsenhor Antonio Bacci, correspondente de latim do Papa Pio XII. Como poeta, ganhou elogios de Thomas Mann (A morte em Veneza) e Hermann Hesse (O lobo da Estepe) por seus poemas Andrietta e Entre os Espectros e as Utopias. Como médico modificou antigas verdades da medicina, descobrindo analogia entre o vírus da hepatite e da poliomielite.

O único mal para o qual parecia não conhecer antídoto era o da autodestruição dos homens. Vindo da guerra, 20 anos depois, já acreditava na inevitabilidade da III Guerra Mundial. Dona Emma era seu refúgio, antessala do Éden. O Vale era antípoda dos campos de morte e destruição.

Gervásio Luz

Fax: (47) 3221-1505

Blumenau, Terça-feira - 6.4.2010

Lenard, o Grande (3)

A vida - Alexander Lenard nasceu em Budapeste, Hungria, em 1910. Formou-se em medicina em Viena e de 1938 a 1952 residiu em Roma, exercendo a profissão. Após a guerra, publicou várias obras de divulgação médica e cinco volumes de poesia em língua alemã. Veio para o Brasil com a família em 1952. Enquanto trabalhou como médico numa mina de chumbo no Paraná, lecionou latim, inglês e matemática às crianças dos engenheiros franceses que ali se encontravam. Para interessar seus alunos no estudo do latim, verteu para esta língua um clássico da literatura infantil inglesa: Winnie the Pooh, de A. A. Milne.

A maioria dos seus livros não tem tradução em português, entre os quais Die Kuh auf dem Bast (A Vaca no Pasto), que trata da vida dos colonos alemães no Vale do Itajaí

Completeu e aperfeiçoou esta tradução em São Paulo e em 1958 publicou a suas custas o livrinho em latim, com o título Winnie-Ille-Pu. Tendo os poucos exemplares em circulação desperdado o interesse das casas editoras europeias, a obra foi sucessivamente publicada na Suécia, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. Surpreendentemente, o livrinho tornou-se o primeiro (e talvez o único) best-seller em língua latina com 100 mil exemplares vendidos somente nos Estados Unidos. A maioria

dos seus livros não tem tradução em português, entre os quais Die Kuh auf dem Bast (A Vaca no Pasto), que trata da vida dos colonos alemães no Vale do Itajaí.

A fuga - De todas as suas obras, contemplou o mundo com uma séria advertência no trecho antológico de seu livro The Valley of the Latin Bear:

"Eu vi a guerra chegar e resolvi fugir para Roma. Na realidade, foi a guerra que me jogou fora de meu mundo, que me varreu sem dinheiro, sem amigos num país cuja língua desconhecia. Aprendi com o sofrimento, e ao mesmo tempo aprendi a conhecer Michelângelo e Pirandello. Contemplei pela primeira vez o Coliseu e a imensa indiferença de meus contemporâneos. Todavia, sei uma coisa: os ditadores escrivam suas vítimas com correntes de papel. Não me inscrevi em nenhuma lista de registros de inquilinos; não levei meu passaporte vencido a nenhum consulado e se comi pouco pão, o fazia sem vales alimentares. Para não saber do horror da guerra, não li nada que tivesse sido impresso após a Revolução Francesa. Assim me tornei historiador da medicina e me abriguei e me escondi entre os muros das grandes bibliotecas de Roma; escrevi estudos sobre pesquisas dos médicos da Renascença e trabalhos da Antiguidade. Esta solução temporária tornou-se aos poucos um hábito e a fuga na música e na arte tornaram-se cada vez mais essenciais para mim."

O jornalista, escritor e professor Gervásio Tessaleno Luz escreve neste espaço às terças-feiras